

## RESENHA

### As tramas das tensões discursivas

ROIZ, Diogo da Silva. **A trama das tensões discursivas: e os (des) caminhos das narrativas entre as (in) certezas da escrita da História e da Literatura no século XX**. 1. ed. São Paulo: Alameda; Capes, 2023.

Jémerson Quirino de Almeida<sup>1</sup>

Na atualidade vivenciamos o embate entre verdade, utopia e sentido *versus* pós-verdade, distopia e caos, este é o enredo da obra: “A trama das tensões discursivas e os (des) caminhos das narrativas entre as (in) certezas da escrita da História e da Literatura no século XX”, de Diogo da Silva Roiz, publicado pela editora Alameda em 2023.

Roiz é doutor em história e professor associado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), nos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais, e do programa de pós-graduação em Educação. Suas pesquisas têm se preocupado com a constituição do campo disciplinar da História no Brasil, a história de historiadores e historiadoras, a formação do ofício de historiador e a história da historiografia. Publicou mais setenta artigos em periódicos e vinte e quatro livros nas últimas três décadas, além do livro que resenhamos, dentre seus trabalhos recentes de maior relevância, podemos destacar o livro: “O curso de Geografia e História da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo (1934-1968)” também publicado pela editora Alameda em 2021; e em coautoria com Tania Zimmermant a organização da premiada trilogia: “As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História I: pioneiras nos estudos históricos brasileiros”; “As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História II: uma geração de pesquisadoras que consolidou os estudos históricos no Brasil”; “As historiadoras e o(s) gênero(s) na escrita da História III: estudiosas da História de nosso tempo” publicação que saiu pela editora Mercado de Letras em 2022, com fomento da CAPES.

No livro o desenvolvimento das discussões resultou em três partes: PARTE I – História e Literatura; PARTE II – Da História à Literatura?; e PARTE III – Literatura e

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

História. No decorrer de pouco mais de 750 páginas, o autor buscou destrinchar as armadilhas e os mistérios envoltos nas narrativas histórico-literárias e nos enredos literários-históricos a perpassarem inúmeras discussões no ir e vir das questões que envolviam a produção intelectual do século XX, sem esquecer, ao certo, das bases teóricas elaboradas por autores clássicos anteriores, como Kant, Hegel, Marx e Nietzsche, e que lançaram os caminhos e descaminhos para a elaboração de mundos imaginários a partir da realidade concreta, ou, da busca pela apreensão da verdade por meio da análise atenta de enredos ficcionais, ao passo em que rastreava as moiras do destino dos autores que as escreviam.

Em linhas gerais, poderia avaliar que o texto é denso teoricamente, demonstra os equívocos por trás da oposição entre História e Literatura, como observou, Estevão Martins em sua apresentação no início da obra. E pode-se acrescentar acertadamente, que tem como méritos sua atualidade, e a crítica honesta e respeitosa, como prefaciou Jurandir Malerba. Ao meu ver, cabe ainda dizer, que sua escrita é palatável, e enriquece o espírito dos apaixonados pelas letras, na medida que conduz o leitor a um universo plural de produção intelectual, não só em diferentes temporalidades e espaços, mas, inclusive, em diferentes ritmos que perfazem sua forma de apresentação, ora em elucubrações pormenorizadas, outras vezes, em sínteses fundidas de modo sutil, sem, contudo, faltar com crítica.

Para ajudar o leitor a encontrar a melhor maneira de realizar a incursão na extensa obra, Roiz oferece algumas sugestões, desde a leitura de algumas sequências de capítulos, ao intercalar de alguns outros. Embora parece haver coerência nas propostas do autor, não me senti seguro com suas sugestões de leitura do livro. Uma vez que não foi fácil perceber a amarração entre as três partes do livro. Talvez, por conta de os textos não terem sido escritos em um mesmo momento, diferindo-se, em sua linguagem e profundidade teórica. Certo, estou de que existe uma complementação nítida entre sua exposição inicial em “As tensões nos tripés (ou trindades) da História e de suas escrituras no Ocidente: verdade, utopia e sentido versus pós-verdade, distopia e caos” e o epílogo “As histórias na Literatura e/ou as literaturas na História?”. Que me arrisco a recomendar a leitura separadamente, o que permitiria, aí sim, posteriormente, avançar em qualquer capítulo de interesse do leitor, sem com isso perder-se na discussão.

Não há novidade alguma em dizer que a leitura de um livro como este muito nos ensina, todavia, nem todo livro com as características deste, tem um caráter pedagógico, ou seja, foi escrito com o propósito de ensinar, e me parece ser este um dos interesses do autor com a produção. Como se evidencia em diferentes passagens, nas quais Roiz demonstra o ofício do historiador, porquanto, também aponta para possibilidades de avanço nas pesquisas híbridas em História e Literatura. Contudo, é sobre a conjuntura das tensões sociais, políticas e econômicas que se debruça em sua maior criticidade. Vale, neste aspecto, destacar suas denúncias sobre a violência do escravismo e do racismo estrutural, do machismo e da opressão de gênero, e a luta contra a homofobia, o alerta para os processos que por diferentes vias conduziram o país a um retorno as formas ditatoriais do passado, com a eleição de Jair Bolsonaro. Tal como, a trágica gestão do enfrentamento a pandemia de covid-19 no Brasil.

São inúmeros capítulos que merecem destaque, assim como, várias passagens que requerem maior atenção, e inclusive, releituras. Ressalto: “As metamorfoses de uma obra: leitores e leituras dos textos de Franz Kafka (1883-1924)” capítulo que merece maior destaque em minha interpretação, devido quem sabe, ao fato de se tratar de um autor por pouco não reconhecido, ao passo que se tornou, pela teimosia de um amigo, um dos mais célebres escritores da história da literatura. Assim como, não foi diferente as discussões sobre a obra de Umberto Eco, ou Georges Duby. Quanto a se ler novamente, com certeza a parte I, exigirá um esforço maior de atenção, devido à complexidade que envolve a exposição, articulando todo o movimento teórico para a compreensão da segunda e terceira parte do livro. Nesse momento, o autor aborda os efeitos das críticas ao estruturalismo, expõe a virada linguística e a pós modernidade, e seus efeitos para a escrita da história. Em que, destaca-se o intrincado distanciamento, reaproximação e misturas dos gêneros literários nas tramas da escrita da história e dos romances ao longo do século XX.

Destarte, merece ainda atenção, a ousadia do autor se arriscando no campo literário, através de uma escrita híbrida, primeiro, em sua investigação no estilo dos romances policiais, ao buscar rastrear a sucessão de acontecimentos em torno da figura de François Cassoulet (1864-1919), empresário teatral da cidade de Ribeirão Preto. Na sequência, em segunda oportunidade, expõe a confusão romântica em torno do extravio de uma caixa perdida em mudança, no texto “O diário de cada um”, o que

resultou na inversão dos papéis, se no primeiro caso, a investigação histórica era apresentada de forma a beber nas águas da Literatura, no segundo texto, é o calor do romance, das taças de vinho e dos beijos, que oferecem o tom da narrativa embasada de forma histórica. É difícil julgar se o autor conseguiu alcançar o que almejava, ao meu olhar, ambos os textos, pareceu um tanto científico e um pouco distantes da forma literária em que se desenvolvem os enredos das narrativas ficcionais.

No que diz respeito ao fio condutor da discussão, as tensões discursivas, a seu modo, como se fosse conduzido pelas palavras e reflexões de Ernest Bloch (1885-1977) se deixa guiar pelas utopias e esperança, em especial, quando destaca as obras de Antonio Gramsci e Paulo Freire. Em outros momentos, humildemente parece reconhecer não ser possível apontar um caminho seguro, perceptível apenas nas entrelinhas de seu texto, para superar as condições impostas no atual momento histórico. Certeza, que provavelmente também não tinha Lenin, em “que fazer?” (1902), citado pelo autor, ao revisitar Marx (1818-1883) e buscar instruir o povo russo, no âmago das tensões que precederam a Revolução de 1917.

O fato é que à primeira vista, o livro parece demasiado extenso, fora do padrão convencional das obras produzidas nos dias de hoje, curtas, de fácil compreensão e com baixo custo. O que nos leva a uma preocupação inicial, que de algum modo me incomodou por toda a leitura: estaria comprometida a circulação do texto, e com isso, limitada a sua discussão, crítica e usos?

Qualquer um que ler o livro perceberá que a quantidade de páginas não é obstáculo, na verdade lamentei o seu fim, pois o considereei uma das melhores leituras que realizei no decorrer de quase duas décadas de estudos acadêmicos. Então, penso que o verdadeiro problema está no custo do livro, que o fará chegar com preço alto nas livrarias e sites de vendas.

Outro ponto que me incomodou, este teórico, e talvez mais grave, foi restringir de certo modo a abordagem dos autores em perspectiva da história e literatura, creio, ser plausível e necessário pensar em alguma forma de ampliar a discussão, na qual possa se avançar no campo das questões filosóficas, timidamente apresentadas no livro, cujo foco, como sabemos, foi a tensão entre a História e a Literatura, culminando nas experiências de narrativas híbridas, a partir do final dos anos 1990. Digo isso, primeiro por considerar a maior parte dos autores sob análise, muito mais que autores

do campo da história ou da literatura, a citar o exemplo pouco explorado do polímata C.S. Lewis, que tão somente é lembrado em notas de rodapés. E, segundo, porque o aprofundamento filosófico poderia revelar circunstâncias e controvérsias de diferentes histórias, tal como, compreender os fundamentos da estranheza e admiração que compõe a subcriação no universo ficcional, como o também singelamente mencionado em nota de rodapés e se quer listado nas referências, J.R.R. Tolkien (1947), nos mostra em “Sobre Histórias de fadas”.

Preciso, contudo, dizer que posso ter exagerado na crítica, e extrapolado um pouco, uma vez que o autor deixou claro seus objetivos com o trabalho. Em verdade, creio que isso resulta da fecundidade de reflexões que o livro proporciona. De toda forma, não me resta mais a dizer, se não, convidar o leitor desta resenha a realizar a incursão na obra. Vamos lá, leia o livro, tenho certeza de que também lhe incomodará.